

A Utilização de Trilhas Cinematográficas Como Recurso Para Uma Educação Musical Inclusiva

Niágara da Cruz Vieira¹

Resumo: Este texto analisa uma possibilidade de uso das trilhas sonoras em sala de aula de escolas públicas, para enriquecer o processo de desenvolvimento da musicalização, considerando-se a realidade do aluno como conhecimento prévio para trazer à tona as principais questões relacionadas ao ensino musical. Ao desenvolver um projeto de trilhas cinematográficas com adolescentes, surgiu a necessidade de ampliar meus conhecimentos e aperfeiçoar minha prática como educadora musical. O objetivo foi captar a experiência vivida e interpretar os fatos, para melhor compreender o fenômeno pesquisado. Evidencia-se, assim, a preocupação de captar o cotidiano e interpretar os fatos, em busca da integração dos contextos educacionais musicais às novas possibilidades pedagógicas que a mídia atual oferece.

Palavras chave: Educação Musical; Trilhas Cinematográficas; Musicoterapia.

Resumen: Este texto analiza una posibilidad de uso de las bandas sonoras en el aula de clase de escuelas públicas para enriquecer el proceso de desarrollo de la musicalización, considerándose la realidad del alumno como conocimiento previo para poner de relieve las principales cuestiones relacionadas a la enseñanza musical. Al desarrollar un proyecto bandas cinematográficas con adolescentes, surgió la necesidad de ampliar mis conocimientos y perfeccionar mi práctica como educadora musical. El objetivo fue captar la experiencia vivida e interpretar los hechos para mejor comprender el fenómeno investigado. Se evidencia, entonces, la preocupación en captar el cotidiano e interpretar los hechos, buscando la integración de los contextos educacionales musicales a las nuevas posibilidades pedagógicas que la mídia actual ofrece.

Palabras-clave: Educación Musical; Bandas Cinematográficas; Musicoterapia.

Abstract: This text analyses a possible usage of soundtracks in public schools classrooms so as to enrich the process of musicalisation. I take into consideration students' reality as previous knowledge to elicit aspects related to music teaching. When I developed a project using soundtracks with teenagers I felt the need to enlarge and improve my educational practice. My objective was to observe the lived experience and interpret the facts so as to better understand the phenomenon in focus. I noticed the need to adapt and incorporate everyday practices and the pedagogical possibilities offered in the media to the educational context.

Keywords: Musical Education, Soundtracks, Musicotherapy.

¹ Professora de Educação Musical da Unidade Tijuca I do Colégio Pedro II. É Mestranda em Música (UFRJ), Bacharel em Piano e Especialista em Musicoterapia (CBM-CEU). Desenvolve projetos de inclusão e atendimentos. Participou da Sociedade Coral e Orquestra Clássica de Mato Grosso do Sul, além de se apresentar em recitais solos, e projetos com grupos de teatro como o Costurando Histórias. niagaracruz@gmail.com

Introdução

O projeto surgiu da necessidade de ampliar meus conhecimentos teóricos e aperfeiçoar minha prática como educadora musical. Durante o período de 2003 a 2004, trabalhei com um grupo de alunos do ensino médio público federal do Colégio Pedro II, onde desenvolvi uma atividade permanente com flautas doces, explorando o tema *As trilhas cinematográficas*.

À medida que percebia o caráter heterogêneo do grupo – composto voluntariamente por dez alunos de diferentes turmas e idades, sem avaliação curricular formal –, indagava-me se conseguiria formar e manter um grupo ampliado, com mais pessoas e outros instrumentos, no âmbito de uma aula convencional.

Formamos então o conjunto de câmara *Alegreto* que formatou seu próprio repertório e criou um estilo próprio de apresentação, indo a outras escolas, a inaugurações e também a espaços frequentados por outros alunos. Mas trabalhar com o grupo trouxe-me uma questão: Como organizar e fundamentar esta experiência de forma a me auxiliar em grupos futuros?

Comecei pelos objetivos que eram:

- 1- Criar possibilidades de novas experiências para a construção de conhecimentos em que se observam as realidades cotidianas, pois *quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim pode transformá-la e, com seu trabalho, pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias* (FREIRE, pag. 30, 1979). Deseja-se oferecer novos referenciais simbólicos para a formação de uma perspectiva crítica sobre a mídia e sobre a música a que os alunos têm acesso;
- 2- Utilizar as trilhas cinematográficas (e/ou midiáticas), para um ensino inclusivo, em relação aos saberes musicais;
- 3- Através da análise de uma possível experiência, aperfeiçoar o atendimento aos alunos de escolas públicas que apresentem a educação musical em sua grade curricular.

Somando os seguintes critérios embasamos nossas ações:

- a) Uma pesquisa prévia de filmes considerados os mais assistidos. Formatação de uma linha do tempo (dos mais antigos aos mais recentes e das produções brasileiras);

- b) Elaboração de um arranjo simples em que os temas principais de cada filme fossem o destaque;
- c) Seleção das fotos sugeridas pelos participantes como o ponto alto do filme;
- d) Treinamento em conjunto dos arranjos;
- e) Apresentações para a comunidade escolar.

Os alunos sentiram-se estimulados a transferir informações de outras matérias para a música, e se propuseram o desenvolvimento de trabalhos interdisciplinares com professores de outras matérias, visando a dinamizá-las. Neste período, enquanto eu também atuava com musicoterapia na Associação Brasileira de Reabilitação (ABBR), o grupo demonstrou interesse em apresentar para os pacientes.

Conversei e apresentei verbalmente aos dois lados (pacientes e alunos) a realidade um do outro e o tipo de trabalho desenvolvida com a música.

Para os pacientes, trabalhei previamente temas de filme na terapia, apresentando algumas das trilhas escolhidas pelos alunos, e depois conversei com o grupo sobre as situações, os problemas trazidos pelo filme, e a realidade de cada um. Conversamos também sobre a questão musical, se gostavam ou não do tema, se identificavam-se com a música ou mais com a história, e qual era relação entre ambas. Depois assistiriam à apresentação com os alunos.

Ensaiei e apresentei os alunos em vários lugares e depois aos pacientes, para compararem como era a receptividade de cada platéia e as sensações dos espectadores em relação às músicas.

Justificativa

O cotidiano escolar tem se mostrado problemático para os educadores em geral devido a um conjunto de dificuldades. Educadores musicais das escolas que ainda mantem a música em suas grades curriculares sofrem pelos mesmos motivos, inclusive pela total falta de apoio e valorização, não tendo, por vezes, instrumentos mínimos de trabalho, o que cria uma barreira na educação musical com adolescentes, uma vez que eles têm acesso à tecnologia e à mídia. Isto os faz questionar deturpadamente, expondo suas vontades, que, no entanto, não foram conceitos criticamente construídos por eles, mas assimilados já prontos.

Muito simplista seria apontar apenas a mídia como uma influência negativa em nossas vidas e, quando inquiridos sem apresentar soluções, responsabilizar outrem, com a velha desculpa de que *não podemos fazer nada a respeito, ou não está ao nosso alcance*, pois *uma imagem vale mais que mil palavras*, embora saibamos que a palavra tornou-se alvo constante dos educadores. Citando Greenfield:

A palavra escrita é linear e sequencial: só pode descrever uma coisa de cada vez. Mas as reações emocionais em geral ocorrem simultaneamente a outros eventos. Pelo fato da linguagem ser sequencial e por que cada palavra comunica parte de um pensamento completo é necessário um grande esforço para transmitir uma informação por meio da palavra”. E por esta razão ‘uma imagem vale mais que mil palavras’. (...) Enquanto a televisão sai-se melhor ao descrever os sentimentos de um personagem, a palavra é mais eficiente para comunicar os pensamentos (1988, p. 49).

Apesar de a mídia poder influenciar as idéias, nós, educadores, temos as palavras! Falamos muito em inclusão, pelo acesso aos saberes (também o tecnológico). Cabe-nos pô-la em prática. A não-integração limita o aluno e o localizará à margem de boa parte dos ambientes de interação coletiva, pela defasagem em relação a muitas referências simbólicas necessárias ao desenvolvimento da capacidade de comunicação em sociedade.

Não ignorando a realidade, para nós, professores ou musicoterapeutas, é necessário o equilíbrio entre o fazer, o pensar sobre o que fazer, e a utilização dos recursos atuais (tecnologias). A conquista do saber pensar dentro do processo formador deve estar interligada com a sua formação prática e a sua formação crítica.

Muitas pessoas não acreditam na música como elemento terapêutico porque ela nos transporta para um mundo de fantasias onde nós ficamos com nós mesmos. No entanto, quando compartilhamos a experiência musical com o ‘outro’, simultaneamente somos puxados para fora de nós mesmos. Por isto, a ‘inter-ação’ musicoterapeuta/paciente é de extrema relevância na experiência musical.” (BARCELLOS, 1992, p. 20)

Uma forma de alcançar esta inter-ação se dá através da música, que é uma arte que possibilita a sua construção em grupo e simultaneamente. Quando tocamos para alguém, estamos transmitindo vibrações que irão mobilizar as pessoas que ouvem. E, se tocarmos algo que possa partir da realidade do indivíduo (paciente), de forma que ele possa interagir com a música e estar próximo da sociedade (alunos), conseguiremos uma inter-ação para a formação humana: musicoterapeuta - paciente - sociedade.

No campo disciplinar da música, o ensino costuma limitar os alunos, excluindo-os de uma prática musical. Eles não experimentam sequer uma parte da potencialidade que a música oferece, e deixam de possuir em seus cotidianos o instrumento musical como ferramenta auxiliar de relacionamento interpessoal. Como poderíamos falar de inclusão, sem ao menos termos preparado o ambiente físico e tampouco as pessoas para um contexto em que os *excluídos* sejam incluídos? Partindo da realidade sonora dos alunos, observando o ISO grupal, que

(...) é a identidade sonora de um grupo humano, produto das afinidades musicais latentes, desenvolvidas em cada um dos seus membros (...).
Por conseguinte, a identidade cultural ou étnica é inseparável da identidade sonora, (ISO) e depende tanto dos processos dinâmicos de aprendizagem da própria cultura como da estabilidade ou mudança das normas culturais.” (BENEZON, p.36, 1988.)

Qual recurso poderia gerar inclusão e socialização, operando como apoio na educação pela música e partindo de um ponto simbólico atual e comum a públicos diferentes? Ora, a mídia audiovisual não se consolidou como um poderoso veículo de massa? Este veículo não nos oferece facilidade de acesso? E, juntando um pouco mais de arte, não seria o cinema a que mais exerce sua influência sobre o imaginário? Um veículo ideal para uma nova rota de ensino não seriam as trilhas cinematográficas? Não poderíamos também, tentar demonstrar as possibilidades de articulação entre as mídias, ou seja, trabalhá-las positivamente, observando as trilhas sonoras como ponto referencial simbólico-musical de estímulos à socialização?

Trabalhando com a arte do cinema, adaptando seus temas para a realidade que observamos, podemos criar uma nova leitura, acreditando que alguns elementos sociais são passíveis de transformação e não precisa ficar presos a formas fixas somente por convenção social, até porque a sociedade não cessa de criar novas necessidades.

Há quem não goste da música do cinema. Ou melhor, quem não preste atenção a ela. Melhor ainda quem pensa não prestar, quem veja um filme apenas com os olhos em vez de seguir o conselho do mestre GRIFFITH e vê-lo também com os ouvidos. Ou quem, afinal, vendo-o apenas com os olhos, ache que a beleza, a força de uma cena, deve-se apenas a qualidade do roteiro, ao esmero da produção, ao desempenho dos atores, ao pulso do diretor, à lente do fotógrafo, sem perceber que a música pode ser parte vital de tudo isso (MÁXIMO, p. 3, 2003.)

Constatando a quase inexistência deste assunto na literatura sobre as trilhas cinematográficas e a utilização desta ferramenta como recurso para a educação musical

de adolescentes (que é um público-alvo de grande importância para a mídia), este artigo se justifica por correlacionar tais questões sob novos olhares. Tal linha de pesquisa reflete meu interesse no potencial de união entre educação musical, percepção, mídia e tecnologia.

Observei, também, que o rendimento escolar dos alunos havia melhorado durante o período em que participavam do conjunto de flautas. Mesmo com o término do ano letivo e conseqüentemente do grupo, deram continuidade ao estudo e ao aperfeiçoamento musical, e fortalecendo ainda suas relações de amizade.

A socialização entre pacientes e alunos, através das trilhas cinematográficas, proporcionou, tanto aos pacientes, quanto aos alunos, novas possibilidades de estruturas simbólicas, sendo agradável a apresentação e terapêutico o efeito: o bem estar da integração social.

Referências Bibliográficas:

- BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. *Cadernos de Musicoterapia*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1992.
- BENENZON, Rolando. *Teoria da musicoterapia*. São Paulo: Summus, 1988.
- FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. São Paulo: Paz e terra, 1979.
- GREENFIELD, Patrícia M. *Televisão e realidade social*. São Paulo: Summus, 1988.
- MÁXIMO, João. *A música no cinema*. Rio de Janeiro: Rocco (Artemídia), 2003.